

Entrevistadora: Muito obrigada por sua participação nesse projeto. A meta deste questionário é produzir uma narrativa coerente e detalhada de sua história. Então, eu recomendo que você se sinta livre para falar o que você quiser, sem ter preocupação em falar com profundidade. Isso é o que nós queremos. Diga-me sobre seu lugar de nascimento.

Entrevistada: Eu nasci em Salvador, Bahia. O bairro onde eu moro se chama Mata Escura. Fiquei lá um bom tempo, 15 anos, e vim para o Pelourinho. E aí casei, tenho um filho de três anos, e aí eu estou aqui vivendo a minha vida, participando dessa cultura aqui do Pelourinho. Que eu sou trançadeira. O meu marido trabalha em um shopping aqui no centro aqui do Pelourinho. E aí eu fico aqui trançando o cabelo de várias pessoas e regiões, lugares, de línguas que eu nem conheço, não sei nem o que está se falando. Mas eu faço o máximo possível para tentar chamar atenção deles.

Entrevistadora: E você lembra como foi quando você foi criança? Quais são suas memórias mais bonitas?

Entrevistada: Por incrível que pareça, foi Carnaval. Eu me lembro que minha mãe-- Eu acho que eu tinha um idade assim, uns dois anos e pouco, minha mãe pegou, deixou o meu cabelo assim solto. O meu cabelo não é liso, crespo. Deixou o meu cabelo solto. Minha mãe pegou uma fita vermelha, amarrou entre a testa, amarrando o resto do cabelo. Deixou embaixo bem solto. E eu com um vestido florido, no meio da brincadeira, e minha mãe me olhando. E outros momentos foi com minha mãe. Eu já tinha acho que uma idade de uns 13 anos por aí, eu ia com minha mãe para o Carnaval. Chegava ali entre o Campo Grande e aqui a- agora no momento eu me esqueci. Ficava lá, a gente ficava naqueles palcos ali em cima esperando o trio passar para a gente ver.

Entrevistadora: Você lembra algum jogo, passatempo, brincadeira em particular que você costumava jogar?

Entrevistada: Eu gostava muito de brincar de "ono um", de brincar de bola, jogar bola. Eu jogava muita bola. Brincar de pega-pega, pique-esconde, todas essas brincadeiras de criança mesmo. Gostava de ficar brincando assim mais com menino do que com menina, brincando de correr e tudo. Eu adorava.

Entrevistadora: Fale sobre os seus pais e avós. De onde eles eram?

Entrevistada: Meu pai e minha mãe, eles moravam na Mata Escura, mas já tem uns três, quatro anos que meu pai e minha mãe se separaram. A minha mãe continua na Mata Escura. O meu pai continua morando perto ali do aeroporto. Não sei bem onde é, que eu nunca fui. E ele está vivendo a vida dele com outra pessoa, e minha mãe está vivendo a vida dela, criando os filhos delas, que ela é uma guerreira. E ela é uma pessoa que me dá muito orgulho e incentivo de eu, sendo filha mulher, filha única dela, quer dizer, de filha mulher, que eu tenho mais dois irmãos homens, de ter uma pessoa assim que faça--

Assim, que não depende só do homem, do meu marido, ou de qualquer um, ficar dependendo de mim mesma, correr atrás das minhas coisas, do que eu quero. E os meus avós-- Não conheci meu avô. Só conheci minha avó. Minha avó-- Por incrível que pareça, minha avó me ensinou a fazer muita comida, vários tipos de comidas de baiana. Por um certo tempo a minha mãe passou doente, e ela me ensinou a fazer um bocado de coisas, até farinha da vovó, que ela me ensinou. Acho que minha mãe nem sabia fazer. Minha avó me ensinou muita coisa. Ela já com 80 anos, ela-- Eu tinha um pouco de dificuldade na leitura, e ela lia, para mim, assim como- melhor do que outras pessoas que trabalham em faculdade. Lia bem, escrevia na hora de fazer as compras dela, ela mesmo fazia, era: "Dois quilos disso, dois quilos de arroz, dois quilos de feijão." Ela botava no papel, e ia lá fazer as compras. Quando ela não pôde mais ir, ela fazia a notinha dela e mandava a minha tia ou minha mãe ir lá comprar. Mas só que, infelizmente, ela faleceu. Ela faleceu com 84 anos. Deixou muita saudade. E estou vivendo a vida aí- com as coisas que ela me ensinou, estou vivendo a vida.

Entrevistadora: Como era o Pelourinho quando você era criança? Que coisas você lembra sobre esta área?

Entrevistada: O Pelourinho era melhor, porque era mais organizado, tinha muita polícia, e o Pelourinho ficava muito mais enfeitado, você via muitos gringos vindo para cá, muita gente querendo sair do seu país para vir para cá conhecer o Pelourinho, ver onde é que foi a imagem de Michael Jackson, onde o Michael Jackson fez, lá embaixo, no Pelourinho. E o pessoal também gosta de ver a cultura, tem as obras de arte, tem tudo.

Mas o Carnaval também, falando um pouco disso, o Carnaval aqui era melhor, tinha mais enfeite, era- sabe aquela-- Você sentia. E hoje em dia o Pelourinho está acabado. Hoje em dia-- Foi tanto que eu não me lembro o nome do cantor, mas tem muita gente que se lembra. Eu vou cantar só um pedacinho do trecho da música: "Pelourinho não é mais aquele. Pelourinho não é mais aquele. Olha a cara dele. Olha a cara dele." Então, o Pelourinho era melhor. Hoje tem polícia, mas tem pouco.

Também hoje em dia o mundo está envolvido com as drogas, as crianças de 12, 13 anos, 18 anos, traficando, morrendo, não chegando nem aos seus 20, como a minha avó falava: "Você passou dos seus 20 anos, você vai já direto." Mas tem crianças que nem passou os seus 18 anos já morre, de umas cenas, aquelas cenas feias, porque é uma coisa incrível. Então, o Pelourinho tem movimento, a polícia fica aqui, e também tem muitos gringos que vêm para cá e dá muito vacilo.

Por exemplo, passa com a pochete aberta pedindo para ser assaltado. Exemplo, em vez de pegar um guia para guiar ele, levar para os lugares, levar para ver, aqui mesmo a igreja, a igreja do ouro, a Igreja São Francisco. Não, aí pega um menino de rua, uma pessoa que usa droga. Aí só porque é simpático e tudo, aí pega, acha que ele é guia, e aí vai levando, mas às vezes não leva. Tem uns que é até bonzinho, mas tem uns que o quê? Leva lá atrás na 28, e pega e-- Entendeu? Assalta. Aí fica desesperada, e vir para a delegacia e tudo, aí depois fala: "Ah,

File name: VFOA Brazil A B C.MP3

nunca mais eu vou no Pelourinho." O Pelourinho não está perigoso. Tem coisa, mas só que se você fizer as coisas certas, você não vai correr o risco de ser assaltado aqui no centro.

Entrevistadora: Como era trabalhar em sua profissão quando você era criança? Era diferente?

Entrevistada: Era. Tinha muito movimento. E eu aprendi a trançar com as minhas primas mais velhas. Teve um dia que eu estava em casa, lá na Mata Escura. Aí elas chegaram- eu fiquei olhando elas fazerem trança no cabelo das pessoas. Eu falei assim: "Poxa--" E na minha família todo mundo trança. E aí eu fui aprendendo, aprendendo sem precisar ninguém me ensinar, eu olhando elas fazendo. E aí peguei minha mãe de cobaia, fiz, fui fazendo, até um dia que ela viu e me chamou para eu trabalhar aqui no Pelourinho. Eu tinha acho que uns 14 anos por aí. Vim trabalhar aqui no Pelourinho como ajudante dela. Fiquei trabalhando com ela, trabalhando com ela. E hoje em dia eu sou dona do meu próprio ponto, sou dona do meu próprio ponto.

E aí eu estou aqui com as outras trançadeiras, trançando o cabelo. Tem época que dá mais, tem época que dá menos. E a gente está aqui nessa luta, né? Porque tem muita gente que quer tirar a gente daqui, entendeu? Mas eu acho que não é assim, porque a gente, praticamente, a gente é uma cultura aqui do Centro Histórico, porque a gente vive disso. Muita trançadeira já comprou casa, já fez as suas coisas, até já botou filho em faculdade, trabalhando de trançadeira. Aí não pode acontecer isso. Mas sempre tem aquela pessoa que trabalha lá dentro e aí dá um jeito de não acontecer, como não aconteceu, que teve um tempo que disse que ia tirar, mas, graças a Deus, não tirou, e a gente está aqui com a ajuda do pessoal, trabalhando, lutando muito.

Entrevistadora: Você gosta de comer?

Entrevistada: Gosto.

Entrevistadora: Quais são as suas comidas preferidas?

Entrevistada: Eu gosto mais de caruru e de moqueca, todo tipo de moqueca, moqueca de camarão, xinxim também eu gosto muito, essas comidas que têm azeite, que já é um-- Quem nasce aqui já tem aquele costume de comer azeite.

Entrevistadora: Você pode compartilhar uma receita?

Entrevistada: Sim, posso. É uma receita de- uma moqueca de camarão pistola. Você pega o camarão pistola, tira a cabeça do camarão pistola, tira, limpa ele, você lava bem lavado, você já deixa azeite, coco, sal e-- Depende, porque eu gosto de botar chuchu também, gosto de botar chuchu bem cortadinho, bem miudinho. E faz aquele ajuntamento. E também para não faltar, aquela pimentinha para dar aquele gostinho. E aí você faz com carinho e amor, que sai ótimo.

Entrevistadora: Você gosta de cozinhar?

Entrevistada: Gosto de cozinhar, é mais vida de azeite mesmo, que é mais minha área. Doce, essas coisas não é meu ponto forte não.

Entrevistadora: Você gosta da música? Que tipo de música você prefere?

Entrevistada: Eu prefiro música assim, Silvano Salles, música de seresta. Silvano Salles, pagode, Psirico, Harmonia do Samba, também um que lembra muito o meu passado de criança, é-- Eu me esqueci agora. Esqueci. Sério. E outras bandas que eu gosto muito. Não bandas muito que gostam de desvalorizar a mulher. Aquelas músicas razoável, eu gosto muito. Principalmente a banda de Psirico, que ele canta: "Ê chuí chuí, ê chuí chuí." Aquela música do povo, sabe? Aquela música do povo mesmo, que você sente, se arrepia. A minha tia mesmo, ela, quando ouve essa música, que fala de tudo, das pessoas que moram na favela, que moram na região precária e tal, das pessoas que não têm condições de morar num lugar melhor, a minha tia chora, chora. Também caso no mundo de hoje em dia, né? Não tem como você ouvir essa música e não passar por um momento na sua cabeça, "Ah, se eu tivesse o poder, eu mudaria a maioria das coisas que se fazem."

Entrevistadora: Qual é o seu provérbio preferido?

Entrevistada: Sim, provérbio preferido. Como assim? O meu passatempo, o quê? O passatempo, eu sou uma pessoa que eu gosto de dançar, gosto de dançar. Já tomei aula de capoeira, já-- Faço muitas coisas, mas o meu ponto forte é trançar mais cabelo. É um dom que eu acho que, se eu não tivesse-- Exemplo, eu estudo, mas se eu não tivesse-- Porque tem várias opções de você ser na vida, doutor, médico e tal, mas a minha mesmo já me deram de presente mesmo, que foi trançar cabelo. Eu gosto de fazer coisas diferentes. E também eu sou uma pessoa assim que eu gosto de pintar paisagem um pouco, aquelas paisagens assim, mais planta, rosa, esses negócios, eu gosto mais.

Entrevistadora: Qual religião você pratica?

Entrevistada: Eu pratico a religião do Candomblé. Minha mãe é Mãe de Santo. Eu tenho um primo, amigos que são também da parte- porque são Ogã, Ekedí, também Pai de Santo, tudo isso. E eu mesmo-- E tem o pessoal que são rodante, as pessoas que dão os Orixás, dão os Caboclos, dão alguns Erês, e as outras matérias.

Entrevistadora: Que tão importante é a religião para você?

Entrevistada: Para mim religião é respeitar, respeitar a minha religião e respeitar a religião dos outros, porque essa religião do Candomblé têm muito preconceito, porque tem gente que fala- gente que são evangélico fala que o Candomblé só chama pelo diabo. Não chama. Não chama tanto, chama um tanto por Deus e um tanto pelo diabo, demônio, do jeito que o pessoal se comunica, como os outros

falam. Mas eu acho que se existir respeito-- Eu tenho muita colega que elas são evangélicas, têm umas que não ligam, que acham que isso é natural. É tanto que a gente- quando a gente está junto, a gente não fala sobre a religião, a gente fala sobre outras coisas.

Mas tem gente que já vai julgando, dizendo que o Candomblé é uma religião que só é do diabo, que é pecador, que é-- Sabe? Eu gosto da minha religião, gosto mesmo. Eu respeito a religião dos outros para os outros respeitar a minha. Quando está me respeitando, está normal. E se os outros vir falar mal da minha religião, eu ainda debato com a pessoa. "Não, não é assim." Tento botar na mente dela que não é nada disso que ela pensa, porque o pessoal da igreja existe-- Tem o pessoal do Candomblé, tem o pessoal que são do mundo, e têm as pessoas que frequenta a igreja. Não é assim.

Entrevistadora: Existe uma ligação entre o que você faz e sua religião? Você incorpora as suas crenças religiosas em sua profissão?

Entrevistada: Na minha profissão, não. Em trançadeira não. Mas já tenho amigos meus que trabalham aqui perto, que trabalham com isso. Quando as pessoas assim, os meus clientes falam assim: "Poxa, eu gostaria ir para um casa de Candomblé para me consultar, para tomar uns banhos de folha, fazer uma limpeza." Aí eu vou e indico ou então levo lá, e lá ele faz a consulta. Aí a pessoa paga e faz uma limpeza, faz tudo, e o pessoal já sai do Pelourinho já mais leve e coisa. E até algumas pessoas faz-- Faz, exemplo, uns tipos de trabalho para ficar melhor na vida. Exemplo, casamento, ganhar dinheiro, essas coisas.

Entrevistadora: Pode me descrever qual é a sua parte preferida de seu serviço religioso?

Entrevistada: A minha parte-- Eu sou rodante. Um dia eu vou poder-- Um dia o meu Orixá vai me pegar, pode ser aqui, pode ser em casa, pode ser até no Candomblé, onde eu estiver, qualquer um, pode ser o Candomblé da minha mãe, pode ser o Candomblé de outras pessoas, de outros Pai de Santo, porque a cantiga que a gente canta chama o Orixá. O Orixá, o Caboclo, o Erê, o Exu, qualquer um, chama. Então, a minha parte eu fico mais assim, como eu ainda não recebo eu fico assim amostrando as Ekedí novas. Porque antes de ser rodante eu era Ekedí, porque na minha casa, na casa de minha mãe, da Mãe de Santo, não tinha muita gente, tinha pouco. Então, como eu não rodava, aí me botaram assim num cargo básico de Ekedí.

Quando o Caboclo está dançando uma música, eu vou com um pano branco, limpo ele, enxugo ele, acendo o charuto, eu vou no lugar onde está armazenado as bebidas que eles devem beber quente, que gelada não pode, quente. Tudo isso. Eu sou, praticamente, uma rodante Ekedí. Eu ajudo também as pessoas que também têm dificuldade, as Ekedí novas que não entendem, que chega assim, de uma hora para a outra, que são escolhidas no dia da festa, são escolhidas. E aí eu pego,

ensino ela como ela deve fazer, se tem que se levantar, se tem que se abaixar, tem que dar a bênção, qual é as músicas que ela deve dar bênção. Tudo isso.

Entrevistadora: Qual é o nome de sua profissão ou trabalho? O que você pensa sobre sua profissão?

Entrevistada: O nome do meu trabalho-- A gente é trançadeira. A gente é trançadeira. E a gente trabalha, exemplo, num espaço que a prefeitura, a prefeitura daqui mesmo dá. A gente manter o ponto limpo, fazer nosso trabalho. Quando a gente acabar de fazer o nosso trabalho, a gente limpar. Tem nossas cestas de lixo, tem tudo bonitinho, tudo arrumado, tudo certinho no seu lugar, porque é um trabalho que a gente tira o nosso pão de cada dia. Então, a gente tem que manter limpo e também porque, às vezes, como eu disse, tem gente que não sabe fazer nada, e só sabe trançar cabelo, como eu mesmo, eu não tenho outra coisa para fazer. Eu acho que também a região-- Exemplo, se amanhã, depois, eu ganhar-- Assim, porque eu estou juntando um dinheirinho para ver se eu abro o meu salão aqui no centro, abrir o meu salão aqui no centro, porque eu vou viver disso até no dia que Deus quiser.

Entrevistadora: E como você começou a trabalhar nessa profissão?

Entrevistada: Eu comecei como ajudante. Eu era ajudante de várias trançadeiras aqui no centro, de várias. Eu era menor, eu era pequena, eu acho que eu tinha-- Pequena não, uns 13 anos, eu ficava trançando com os outros, eu trançava com umas trançadeira assim num canto, em outro, sempre te colocando de trançadeira, entendeu? Elas gostando muito do meu trabalho, como todas as trançadeiras daqui sabem trançar bem, bem mesmo. Entendeu? É uma obra de arte. Entendeu? Eu mesmo sou a caçula daqui, porque eu tenho menos anos aqui no ponto. Eu sou, praticamente, a caçula. As outras são de 30, há 20 anos ou há 15 anos que trabalham aqui no centro. E tem eu aqui, que sou a caçula, praticamente, porque eu só tenho uns quatro anos trabalhando para mim. Mas para os outros eu tenho mais.

Entrevistadora: Quanto tempo faz que você trabalha nesta área, no Pelourinho?

Entrevistada: No Pelourinho, para outros, eu tenho uma margem de uns cinco anos, porque eu só trabalhava assim, em época de Carnaval. Chegava perto de Carnaval, eu já começava a trabalhar. E quando chegava Carnaval, trabalhava. Quando estava dando movimento, eu estava vindo. Quando não tinha movimento, eu ia para casa, porque o movimento estava pouco, e não tinha aquela-- Porque a gente, quando trabalha, a gente bota duas ou três ajudantes, e, como eu era ajudante, acabava a época de festa, eu ia embora. Aí quando chegava outra época de festa, eu vinha novamente trançar.

Entrevistadora: Que coisas você gosta de trabalhar aqui? E o que coisas você não gosta de trabalhar no Pelourinho?

Entrevistada: Que eu não gosto?

Entrevistadora: Que gosta.

Entrevistada: O que eu gosto, aqui a gente faz assim aquela mistura, trançadeira, faz turbante de Gandhi, às vezes, aqui, em época de Carnaval, turbante do Gandhi. E as coisas que eu não gosto aqui é quando a gente está trançando o cabelo e chega um menino de rua, empacando e perturbando, pedindo dinheiro, sujo, até assim fedendo de um jeito que a pessoa não suporta. Aí atrapalha. Às vezes, a pessoa quer trançar, mas eles não deixam. Se eles deixassem, estaria ótimo. Mas só que eles não deixam. Eles perseguem muito os turistas aqui passando, tudo isso.

Entrevistadora: Você trabalhou num outro lugar?

Entrevistada: Eu trabalhava lá na Mata Escura, num bairro. Eu trabalhava trançando lá. Depois que eu vim para cá, trabalhando para os outros, e hoje eu estou no meu ponto.

Entrevistadora: Que coisas você gosta de sua profissão?

Entrevistada: Eu gosto de trançar. Porque a gente trançando, a gente vai batendo papo, eu vou ficar sabendo mais do que que se passa no país dos outros, fico sabendo mais, fico me comunicando, até com outros tipos de língua. Às vezes, a gente tenta até aprender, exemplo, uma palavra, assim: "Mas como é que se fala 'trançadeira' ou 'trança'?" Qualquer tipo assim, a gente pergunta, eles falam. Aí a gente tenta escrever a palavra ou então ele escreve para a gente. A gente tenta se comunicar o mais fácil possível, do jeito mais apropriado possível para chamar atenção deles.

Entrevistadora: E o que não gosta de seu trabalho?

Entrevistada: Não gosto é-- Eu não gosto quando está chovendo, porque, na sinceridade, quando está chovendo aqui o Pelourinho fica deserto, não tem, sabe? O pessoal fica entrando nos lugares, não dá para os grindos passear, para eles conhecer os lugares direito, para eles sentar, para querer fazer um tererê, uma tiara, uma trança solta, não dá.

Entrevistadora: Você tinha outros trabalhos antes?

Entrevistada: Antes eu trabalhava na casa de minha avó fazendo faxina lá, na casa de minha avó. Ela me dava um agrado, mas eu não aceitava, né? Porque é minha avó. Mas ela, "Ah, aqui, compra alguma coisa para você. Eu sei que você precisa e tal." Aí eu fazia, ela me dava. Mas eu só fazia isso. E trançar, eu sempre trancei, desde a época que eu aprendi a trançar, que eu vim trançando, trançando, trançando, e aí foi indo.

Entrevistadora: Como você pensa que os turistas ouvem você?

Entrevistada: Para mim, os que eu não entendo o falar, deve ser que ele vem de uma língua bem diferente, sei lá. Tem uns que entendem e fala: "Obrigado." Faz até gesto com a mão. Não sei se ele, na língua dele, entende outro tipo, aí também faz gesto. É tudo assim. Às vezes é a gente que não entende a língua dele, a gente faz gesto para ele. E eles não entendem a nossa língua, eles fazem gesto para a gente também.

Entrevistadora: Como é a sua relação com as pessoas da Bahia?

Entrevistada: Muito bem. Eu tenho amizade aqui no Pelourinho com Deus e o mundo. Eu tenho amizade com o pessoas das lojas, dos bancos, de tudo aqui eu tenho amizade. Todo mundo tem amizade com todo mundo. É aquele negócio quente, sabe? Família aqui no centro. Entendeu? Tem até uns dos meninos que são meninos de rua, tem uns que respeitam a gente, consideram a gente. Quando a gente fala assim: "Ô, por favor." Aí eles saem. Aí quando eu acabo fazendo o serviço, ele depois ele vai atrás dos outros. Eu falo assim: "Ô, não perturbe muito eles não e tal." E tudo. Mas aqui aquele negócio assim, qualquer pessoa que vir de qualquer estado, qualquer país, que vir de lá para cá, para o Brasil, para aqui, para Salvador aqui, eu acho- é aquele negócio assim, parecendo coração de mãe, sempre cabe mais um.

Entrevistadora: Você tem uma relação diferente com os homens do que com as mulheres?

Entrevistada: As mulheres a gente tem, porque muita gente aqui que vem de outros países, chega aqui, gosta de conversar, tem uns que já adoram conversar. Eu converso trançando o cabelo, converso, converso. Eles falam de lá, como é que se passa lá. Tem umas que vem aqui e falam assim: "Ah, meu Deus, eu adoro esses negão aqui do-- Eu adoro negão aqui de Salvador, eu adoro." Aí eu fico: "É. Olha que tem negão aqui. Olha lá embaixo, no Partido Alto, de Fua. Vai lá, que lá tem um bocado, hoje é dia." Aí a mulher vai, e fica lá. Às vezes, arranja até um companheiro. Tem gente aqui de outro país, deixou o país lá e veio morar aqui com um negão. Tudo isso.

E os homens vêm aqui, conversam bastante. Também muitos deixam de ficar aqui para ir para outro país, casar, morar lá. Às vezes, vai até fazer uma apresentação lá. Aí quando chega aqui, me diz: "Poxa, Aline--" Porque tem aqueles clientes já fixo. "Ô, Aline, lá foi mágico. Eu dancei assim, assim, assim." Que a maioria dos negão daqui dançam dança afro, pagode, reggae, seresta. Então, eu acho que com esse molejo que tem aqui, um molejo daqui, que faz como os homens e as mulheres de outros lugares ficar fascinado com as mulheres e os homens. Aqui tem muito molejo.

Entrevistadora: Você está casada?

Entrevistada: Eu sou amigada. Sou amigada. Eu tenho, como eu te disse, eu tenho um filho de três anos, se chama Júnior. E tenho Jorge, o dele chama José Jorge,

File name: VFOA Brazil A B C.MP3

que ele trabalha também aqui em cima. Ele vem aqui, vem me ver toda hora para saber como é que eu estou, se está faltando alguma coisa, porque ficar aqui-- Aí ele vem e traz água. Aí a gente sai para almoçar, para ficar passeando, às vezes. Aí volto para o meu trabalho, ele volta para o dele.

Entrevistadora: Como conheceu seu namorado?

Entrevistada: Como eu conheci? Eu conheci-- Eu vim trabalhar para os outros como trançadeira. E aí acabamos-- O trabalho dele era em frente do meu. E aí a gente era amigo, amigo. Antes de se conhecer ele era casado, ele se separou. E aí a gente se conheceu. Se conheceu-- Foi até ela mesmo que apresentou a ele, que a gente estava trançando, que ele sabe trançar um pouquinho. Aí ficou trançando eu e ele a cabeça de uma moça, a gente ficou trançando eu e ele, e aí foi ótimo. A gente foi se conhecendo.

A gente era muito amigos, mas a gente nem namorava, os outros já diziam que a gente namorava, mas a gente não namorava. A mulher dele ficou bem chateada comigo, porque eu era amiga dela. Eu era amiga dele, mas dela eu não era. Ela ficou muito chateada e tudo. Mas também aquela coisa, o casamento dele não ia bem, já não ia bem, e já estava já terminando. Só teve mesmo um pequeno motivo para terminar, porque ia terminar ou mais cedo ou mais tarde, mas ia terminar, porque ela era é uma pessoa que gostava--

Exemplo, ela não tinha certeza. Era uma pessoa chegar para ela e falar assim: "Poxa, aquela moça está pegando ele." E ela já ia já com ignorância falar, xingar e não sei o quê. Não sabia direito se estava ou não. E comigo foi diferente, porque conheci ele, entendeu? Ele ficou do meu lado. Com o tempo ele se separou dela, ficou comigo. A gente ficou namorando. Para tudo que é festa a gente ia aqui no centro, porque aqui haja festa para você ir, seresta, partido alto, um bocado de coisa, aqui você tem muita atração mesmo, tem Maculelê, tem apresentação de Orixás, gente vestida apresentando as músicas, as cantigas, tudo isso. A gente saiu muito, muito. Até um dia que ele me convidou para morar junto aqui no centro. Aí eu peguei e fui morar com ele.

Entrevistadora: Ele trabalha? Quem é a pessoa que ganha mais dinheiro em sua família?

Entrevistada: Ele trabalha. Trabalha de carteira assinada. Ele trabalha no shopping. Trabalha no Shopping do Pelô, e ele também é motorista do shopping. Então, ele ganha um salário mínimo, e eu ganho aqui-- Porque aqui é assim, quando é época de movimento, eu ganho muito dinheiro, chego até uns R\$600, R\$700. Assim, em três, quatro dias, eu ganho nessa faixa assim, juntando o dinheiro todo. Quando é pouco movimento, às vezes, eu ganho R\$50 em um dia. Às vezes, num dia também eu não ganho nada. Às vezes, em outro dia eu ganho R\$20. É assim. É variado, quando está um movimento bem fraco.

Entrevistadora: Fale sobre o seu filho. Quais são as suas esperanças e expectativas para ele?

Entrevistada: Expectativa para o meu filho, Júnior-- Ele é uma pessoa que a gente olha para ele, você fala assim: "Esse menino não vai levar desaforo para casa." Ele é aquilo, um pouquinho rebelde, aquele negócio assim. Só quem sabe levar ele mesmo é eu e o pai dele, porque outras pessoas não sabem levar ele. Então, eu fico assim-- A minha expectativa é que ele-- [phone rings] O meu marido. Ele ligando para saber se o Junior foi para o colégio. Alô. Eu estou aqui dando uma entrevista aqui. No meu ponto. No meu ponto. Não, estou dando uma entrevista. Tá, tá. Tchou. Tchou.

Aí, pronto, meu filho-- Para mim, eu não vou pensar outro, porque hoje em dia você tem que ter uma condição assim para botar ele na faculdade. Então, eu quero um dia ele arranje um emprego honesto, que ele possa ganhar o dele, não precisar de mim nem do pai dele, só para outro departamento, assim, sobre outros problemas. Que ele dependa- que ele seja um homem independente, honesto, e que ele conheça uma pessoa também honesta. Porque eu mesmo digo que eu não gosto de falsidade. Ou a pessoa é ou não é.

Então, eu fico nessa expectativa que ele encontre assim um trabalho, ou de motorista, de taxista. Pode ser até que, amanhã ou depois, ele goste de-- Médico, professor, ele não vai ser não, porque ele é muito danado. Então, ele é capaz até de fazer uma arte. Mas assim, uma profissão assim que ele possa assim-- Porque ele gosta mais é de dirigir, então deve ser alguma coisa de dirigir, e também deve ser que ele vai gostar também muito de Internet, porque ele já gosta de celular. Com três anos ele já sabe botar na televisão. Imagine?

Entrevistadora: Você gostaria que ele continue fazendo o seu trabalho?

Entrevistada: Não. Não. Eu queria ele arranjasse um emprego que desse um dinheiro fixo, que ele ganhe um salário, pelo menos um salário, entendeu? Para ele viver a vida dele, porque é um trabalho que um dia não dá. Se a pessoa viver só disso, não fizer outras coisas, a pessoa fica sem dinheiro, a pessoa fica sem nada. Entendeu? Exemplo, eu trabalho aqui, mas meu marido trabalha de carteira assinada. Exemplo, quando eu não tenho, ele já tem. Entendeu? Ele bota coisa dentro de casa. Já tem. Eu só faço é ajudar ele. Mas se eu vivesse só disso, não tivesse marido nem filho, eu ficaria um pouco prejudicada, porque a época que eu ganho só é mais época de festa, que é Carnaval, é mais essas festas mais agitadas que o pessoal vem para cá.

Entrevistadora: Você morou num outro estado?

Entrevistada: Não, só de Mata Escura, que é um bairro, aqui, o centro, o Pelourinho, aqui no centro.

Entrevistadora: Você participa em algum grupo ou organização?

File name: VFOA Brazil A B C.MP3

Entrevistada: Organização assim de trabalho ou-- Eu participo das trançadeiras, é um grupo que tem das trançadeiras, que falam o que deve fazer, o que não deve fazer no ponto, que é o Sesp. É o Sesp, que ele vai dar curso à gente também, a gente toma curso para gente se aprofundar mais ainda no trabalho, a gente se comunicar melhor com os turistas, tudo isso, tem essa organização, o Sesp.

Entrevistadora: Que tipo de relações você tem com as outras mulheres que trabalham na área?

Entrevistada: As trançadeiras-- Porque é muita concorrência, entendeu? É muita gente. Então, eu tenho uma amizade-- Exemplo, tenho amizade com todo mundo. Tem algumas que aquela coisa assim, que eu falo, converso, me chama para eu trançar no ponto dela, saio do meu para o dela para trançar. Eu chamo ela para vir para o meu. Mas tem umas que eu só falo "Oi, oi," e coisas, porque eu não tenho muita intimidade com outras pessoas assim. Isso é raro.

Entrevistadora: Você gostaria de falar de algo mais que não falamos até agora?

Entrevistada: Sim. Que as pessoas que têm medo de vir aqui, pra Salvador-Salvador, Bahia, Brasil- que viessem, porque aqui, você andando, aqui tem várias culturas, tem muitas artes, tem muitos lugares pra você conhecer, você vindo pra cá que não tenha medo. Porque às vezes foi a própria pessoa mesmo que deu motivo de ser roubada, de ser coisa-- Porque se andar assim, tudo certinho-- Porque os guias chega aqui e fala, "Não ande com a bolsa aberta. Não ande com isso--" E às vezes ele anda, que a gente fala assim, "Moço--" Ou não- porque a gente não entende a língua, a gente chega lá, bate nele, "Fecha a bolsa." Ele vai lá, fecha, dá legal, alguns, "Obrigado." Mas a maioria dos gringo pede pra ser roubado.

Aquelas pessoas que teve uma experiência ruim aqui, que venha, certinho, coisa-- Fica com medo de vir pro Pelourinho, dizendo que o Pelourinho é isso, que o Pelourinho está aquilo, que o Pelourinho está ruim. Que eles venham conhecer, porque-- Peço a Deus que- vai ter eleição agora, acho que está no mês já, eleição. E eu peço a Deus que esse prefeito, esses candidatos que estão se candidatando, falem- que melhorem aqui o Centro Histórico aqui, e melhorem mesmo. Porque se melhorar aqui, aqui não vai dar pra ninguém, aqui vai encher de gente.

Porque esse pessoal só pensa em fazer outras coisas, fazer isso, fazer aquilo, têm muitos mesmo que fica dando- fica mentindo. "Ah, eu vou fazer isso." E não faz. "Vou fazer aquilo." Não faz. Que se João Henrique ganhar novamente, se ele ganhar- que eu não tenho muita certeza porque tem muita gente chateada com ele aqui no Centro Histórico, porque tem muitas casas, os casarões aqui, caindo. Porque esse casarão daqui é do tempo- é antiga, os casarões. Tem muita coisa, tem muita história pra contar. E estão se acabando. Que melhorasse mais, entendeu? Que desse mais- que tivesse mais policiamento aqui no Centro Histórico. Exemplo, que botasse-- Porque aqui tem que ter muitas bandas, muitas coisas, pra chamar a atenção das pessoas que tiveram experiência ruim, voltar e ver que não é nada daquilo. Só isso. Obrigada.

File name: VFOA Brazil A B C.MP3



Entrevistadora: Qual é seu ano de nascimento?

Entrevistada: O ano de nascimento? Eu nasci em '90.

Entrevistadora: E qual é o último ano da escola que você alcançou?

Entrevistada: Eu, como ainda estou estudando, eu estou na sétima e oitava.

Entrevistadora: E onde você mora?

Entrevistada: Eu moro na Rua da Poeira, Nazaré.

Entrevistadora: E o nome do teu bairro?

Entrevistada: Praticamente aqui no Centro Histórico. Barroquinha aqui.

Entrevistadora: Muito obrigada por sua participação. Você pode falar comigo se você tem perguntas, ou se deseja agregar algo à sua **[unintelligible 00:43:40]**. Muito obrigada.

Entrevistada: Tá.

[00:43:43] [END OF AUDIO]